

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JONAS MESSIAS JUNIOR

**REFLEXÕES SOBRE EMPIRISMO EM PSICOLOGIA:  
CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIGOTSKI AO DEBATE**

JOÃO PESSOA-PB

2023

JONAS MESSIAS JUNIOR

**REFLEXÕES SOBRE EMPIRISMO EM PSICOLOGIA:  
CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIGOTSKI AO DEBATE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do grau de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Leal de Melo Dahia

JOÃO PESSOA-PB

2023

# TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Sandra Leal de Melo Dahia (CCHLA/UFPB) (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Raquel Rosas Torres (CCHLA/UFPB)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria de Fátima Pereira Alberto (CCHLA/UFPB)

*Dedico este trabalho às memórias da  
minha querida avó Joaquina e da minha  
irmã Gisele.*

## AGRADECIMENTOS

O desejo longamente gestado de cursar Psicologia, enfim concretizado, me conduziu por rumos que eu sequer conseguiria imaginar há cinco anos atrás. Agradeço, assim, a todos que de alguma maneira me incentivaram e estiveram ao meu lado. Saibam que se meu trabalho tem algum mérito, ele é nosso.

A meus pais agradeço por, desde cedo, marcarem em mim a importância da educação e por me mostrarem a força da cooperação e do trabalho na construção de uma vida digna.

A meu companheiro Daniel sou grato pelo empenho na invenção de um caminho a dois, no qual aprendo a amar e a escutar todos os dias.

A meu analista, Francisco, agradeço pelos anos de escuta. Eu não teria sustentado outra graduação sem o espaço que seu trabalho cria. A bem da verdade, sequer teria tentado.

A minhas amigas e amigos de Campina Grande, de Brasília, de João Pessoa, dos Correios e do Tribunal: obrigado por me verem como futuro psicólogo muito antes que eu pudesse concordar. O apoio e a alegria de vocês me deram a força de que precisei.

Minhas companhias de curso: Iury, Lucas, Jaynni, Cybelle, Jéssica, Arthur, Ana Clara, Ellen, Lívia, Raquel, Tarci, Melissa, Severino, Emily... Obrigado. Voltar a ser estudante quase 20 anos depois deixou de ser um receio por conta de nossa convivência diária, e não vejo a hora de reencontrar todos vocês para compartilharmos as dificuldades e satisfações de lidar com a coisa mais importante.

A meus amigos de estudo e trabalho em Psicologia: Carla, Carlos, Alice, Lanna, Raquel, Bia, Anilayne, Rayssa, Teresa, Rani, Laura, Ester, Luíza, todas/os as/os colegas que conheci nas minhas muitas monitorias e, em especial, Ryan. Foi junto a vocês que tomei forma.

Agradeço também a todos os profissionais que me apoiaram ao longo da minha formação. Às equipes da Casa do Migrante, das USFs Funcionários I e Caminho do Sol, da

Coordenadoria LGBT de João Pessoa e às/aos colegas que contribuíram com as reuniões de supervisão, estendo meu obrigado.

Quero, ainda, reconhecer a confiança, o apoio, as ideias e as oportunidades que o professor Anselmo me ofereceu. Se hoje me vislumbro como futuro clínico, isso se deve grandemente ao seu trabalho. Obrigado. Que você continue sensibilizando discentes a respeito da complexidade da psicologia.

Finalizo meus agradecimentos com o mais importante: Sandra, minha orientadora. Ser seu aluno em um momento tão crucial de minha formação fez com que me defrontasse com questões que, hoje, são caríssimas para mim. Obrigado pelos anos de orientação, de compreensão, de receptividade, de boas sugestões, de espaço para pensar e de postura ética e humana. Finalizar esta graduação colaborando com você é um dos grandes presentes que guardarei.

## RESUMO

A história da psicologia tem sido marcada, simultaneamente, pela diversidade de concepções e abordagens e por esforços permanentes para ser reconhecida como disciplina científica, apoiada em métodos oriundos das ciências naturais. Com a intenção de resgatar aspectos importantes desta história, a presente pesquisa, na forma de um estudo exploratório-descritivo, busca localizar origens históricas e filosóficas das propostas pautadas em empirismo ingênuo e em experimentação dissociadas da reflexão teórica. Além disso, ampara uma leitura crítica destas orientações nos trabalhos epistemológicos de Lev Vigotski, propositor da Psicologia Histórico-Cultural. A orientação materialista dialética de Vigotski proporciona o desvelamento das contradições radicais da psicologia empírica como aspectos da crise de fragmentação. Ao oferecerem críticas pertinentes, suas obras também introduzem novas possibilidades de compreensão da ciência psicológica.

**Palavras-chave:** História; Epistemologia; Empirismo; Psicologia teórica; Teoria histórico-cultural.

## **ABSTRACT**

The history of psychology has been marked both by a diversity of conceptions and approaches and by ongoing efforts to establish itself as a scientific discipline with the support of methods derived from the natural sciences. In an attempt to recover significant aspects of this history, the present research, in the form of an exploratory-descriptive study, seeks to trace the historical and philosophical origins of projects grounded in naive empiricism and experimentation detached from theoretical reflection. Furthermore, it backs a critical examination of these orientations in the epistemological works of Lev Vygotsky, the proponent of Historical-Cultural Psychology. Vygotsky's dialectical materialist orientation reveals the radical contradictions within empirical psychology as aspects of the fragmentation crisis. By providing pertinent critiques, his works also introduce new possibilities of comprehending psychological science.

**Keywords:** History; Epistemology; Empiricism; Theoretical psychology; Cultural-historical theory.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 MÉTODO.....</b>	<b>12</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Referências significativas na composição de um projeto de Psicologia científica e seus fundamentos filosóficos.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 A interpretação vigotskiana da crise da Psicologia.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3 Algumas considerações sobre a Psicologia Empírica.....</b>	<b>38</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre história da psicologia, nos deparamos com possibilidades de reconstrução de percursos diversos, constituídos por influências e trajetórias que, por vezes, se encontram ou se distanciam. A partir das reflexões suscitadas por Massini (2020) a respeito dos lugares plausíveis que a história pode assumir no ensino e na prática da psicologia, é possível, embora consideremos indevido, tomar o percurso desta ciência como uma totalidade ordenada linearmente, composta por uma sucessão de fatos que, ao longo do tempo, se entrelaçam e rumam em um suposto progresso “natural” de forma a configurar o campo na sua forma atual, como se essa forma fosse inevitável. A noção de história adotada no presente texto, no entanto, é a de um fenômeno vivo, complexo e contraditório, atravessado por determinações internas e externas que continuamente produzem efeitos, estabelecem ou inibem possibilidades e apresentam questões que, quando respondidas, fazem com que a psicologia se projete em diferentes direções. Considerando esta concepção, estudar a história dessa ciência é um ato deliberado, consciente do historiador que deseja compreender e dar sentido a este campo, constituindo-o em compromisso com uma leitura que parte de premissas que devem ser evidenciadas.

Desde o seu estabelecimento como campo científico independente no final do século XIX, a psicologia é constelada por uma diversidade de propostas fundamentadas sobre bases diferentes, não unificadas e, por vezes, conflitantes. Esta diversidade estabelece um conjunto igualmente heterogêneo de objetos, métodos e práticas, o que terá como consequência a constituição de um campo que é, de partida, fragmentário e atravessado por divergências. Como enfatiza Kurt Danziger (1979), historiador da psicologia, nessa fragmentação, estão em jogo compromissos fundamentais a respeito da própria natureza dessa ciência, muitas vezes de maneira implícita. Os efeitos desta particularidade sobre uma formação na área são

visíveis a partir do estudo de diferentes ênfases, sistemas teóricos e abordagens constituídos a partir de concepções diversas de ciência, de ser humano e de sociedade.

Para que seja possível ao aluno do curso de psicologia organizar uma compreensão fundamentada e contextualizada diante desta diversidade, espera-se que uma graduação preze por fomentar uma visão historicamente situada, crítica e reflexiva. Nesta intenção, é indispensável um entendimento de como este campo se constitui e se organiza. O estudo da história da psicologia, a elucidação das perspectivas que orientam cada trabalho e o incentivo ao pensamento crítico são, portanto, elementos essenciais para que os futuros profissionais possam atuar de maneira pertinente, criativa e emancipadora. Tal expectativa, inclusive, é contemplada nos objetivos do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal da Paraíba, conforme visto no Projeto Político-Pedagógico em vigência.

Apesar disso, ao final dessa experiência em graduação, é possível identificar tendências que favorecem certo empirismo ingênuo – aqui concebido como a noção de que a experiência direta seria suficiente para a compreensão da realidade, limitando o papel das ciências a observar, registrar, descrever e constituir, de maneira *a posteriori*, leis e teorias que expliquem tais dados (Chalmers, 1997) –, orientado para a reprodução de técnicas baseadas em modelos apresentados como científicos sem a devida contextualização e discussão teórica a respeito de suas raízes históricas, pressupostos filosóficos e consequências. Tais modelos habitualmente têm sua proeminência defendida a partir de sua eficiência ou cientificidade, de maneira abstrata, embora ratifiquemos que seja pertinente indagar quais são os pressupostos científicos em questão e como se determina tal eficiência. Fontes e Falcão (2015) reforçam essa impressão ao afirmarem que a psicologia é um campo que privilegia, destacadamente, o método e a obtenção de dados empíricos apesar da relevância e necessidade de reflexões teóricas e filosóficas.

É a partir da inquietação provocada por tais fatos que a investigação aqui proposta assume relevância. Com a realização deste trabalho de pesquisa, busca-se recuperar a discussão em torno da fragmentação da psicologia e de seu conseqüente viés empírico, retomando e enfatizando o caráter crítico na formação em psicologia, resgatando a perspectiva encontrada nos componentes curriculares que abordam tal reflexão a partir da história dessa ciência, ampliando-a e aprofundando-a. Com isso, pretende-se alcançar os fundamentos filosóficos e teóricos das propostas que ocupam este lugar de destaque em uma formação no campo, apreciando-os enquanto possibilidades de estudo científico do psiquismo.

A análise crítica será sustentada pelo pensamento de Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), psicólogo bielorruso proponente da Psicologia Histórico-Cultural que, diante do cenário de fragmentação da psicologia no início do século XX, localiza e destaca os aspectos centrais do que ele diagnosticou como sendo uma crise de fundamentos filosóficos e metodológicos, propondo direcionamentos para sua superação (Lordelo, 2011). Ainda serão tomados como pontos de apoio trabalhos ligados à tradição teórica da historiografia da psicologia que pautaram discussões históricas, epistemológicas e metodológicas de relevância para a temática. Com isto, espera-se que o trabalho possa também contribuir na formação de alunos interessados em uma inserção nestes debates em psicologia, ao percebê-la como um campo ocupado por propostas heterogêneas e, por vezes, incompatíveis.

## **2 MÉTODO**

A singularidade da temática e a conseqüente definição de um referencial teórico que a fundamenta terminam por delimitar uma pesquisa qualitativa que tomará a forma de estudo bibliográfico exploratório-descritivo. Uma vez que nos importa não apenas relatar achados a

partir das fontes, mas encontrar suporte nestas para propor uma leitura possível da história da psicologia delimitada pela questão da pesquisa, consideramo-la apropriada a partir das colocações de Lima e Miotto (2007), que definem esta orientação como um trabalho científico essencial no questionamento e reconstrução da realidade, apoiando e atualizando a atividade acadêmica diante desta. A proposta, por sua vez, alinha-se à tradição teórica da historiografia da psicologia brasileira, como caracterizada por Massini (2010).

As fontes utilizadas serão manuais de história da psicologia, livros, periódicos e artigos científicos selecionados por sua relevância para o problema de pesquisa. Com isto, espera-se obter elementos para a solução da questão central, respaldando-a sobre referenciais teóricos consistentes que dialoguem com as premissas da produção. A bibliografia será examinada de forma a conjugar contribuições se relacionem com estas premissas, aprofundando o entendimento do recorte teórico da pesquisa por meio de registro, análise, organização, interpretação e incorporação das informações encontradas, observando as conclusões das referências (Andrade, 2010).

O procedimento de coleta foi um levantamento da produção científica nas bases PePSIC, LILACS e SciELO com uso dos descritores ((Vigotski OU Vigotsky OU Vygotsky) E (epistemologia OU psicologia teórica OU método OU teoria histórico-cultural)) OU (teoria histórico-cultural). Os critérios de exclusão foram definidos a partir de alguns dos parâmetros estabelecidos por Lima e Miotto (2007), como o temático, os linguísticos e, ainda, o da área de conhecimento. Dos 303 trabalhos encontrados, foram escolhidos artigos que possuem versões em português na área de psicologia, tendo sido adotados como critérios de exclusão a duplicidade e a relevância para a temática central a partir da leitura dos títulos. A aplicação dos critérios resultou em 14 artigos, que tiveram seus resumos lidos e, destes, cinco foram escolhidos pela pertinência e lidos integralmente, tendo suas contribuições incorporadas à pesquisa, sendo também referenciados. Estes artigos estão listados na Tabela 1.

Tabela 1. Artigos selecionados

SciELO	PePSIC
<p><b>O projeto Vigotskiano para uma psicologia científica: anotações sobre “O Significado Histórico da Crise da Psicologia”</b> – Eduardo Moura da Costa e João Batista Martins</p> <p><b>A crise na psicologia: Análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski</b> – Lia da Rocha Lordelo</p> <p><b>A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista</b> – Nancy Romanelli</p>	<p><b>O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural: tendências conceituais contemporâneas</b> – Isadora Dias Gomes et al.</p> <p><b>As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: Contribuições teóricas para a Psicologia Histórico-Cultural</b> – Fernando Dala Santa e Vivian Baroni</p>

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Referências significativas na composição de um projeto de Psicologia científica e seus fundamentos filosóficos

Wilhelm Wundt (1832-1920) é amplamente reconhecido como fundador da psicologia por estabelecer seu laboratório em Leipzig, no ano de 1879 (Araújo, 2013). Influenciado por uma compreensão dualista de como se dá a experiência subjetiva e pelas concepções de ciência ligadas ao contexto universitário alemão naquele período, ele situa sua proposta de psicologia em uma posição intermediária entre as *Naturwissenschaften* (ciências naturais) e as *Geisteswissenschaften*<sup>1</sup> (ciências humanas e sociais), o que faz com que ela se desdobre em um projeto duplo: a primeira parte se localiza no âmbito das ciências naturais<sup>2</sup>, tendo a forma

<sup>1</sup> Nas universidades alemãs do final do século XIX, o campo da pesquisa (*Wissenschaft*) era separado em formas diferentes, sendo a distinção entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften* a mais reconhecida. Estas formas se aproximam, respectivamente, da separação entre ciências naturais e ciências humanas e sociais, o que expressa a importância da autonomia, no que diz respeito ao método, das pesquisas em humanidades com relação às pesquisas em ciências naturais (Farr, 2016; Figueiredo & Santi, 2008).

<sup>2</sup> Mesmo havendo diferenças entre as propostas de *Naturwissenschaft/Geisteswissenschaft* no contexto alemão do século XIX e as de ciências naturais/ciências humanas e sociais atualmente existentes (Farr, 2016), no presente trabalho estes termos serão considerados intercambiáveis.

de uma investigação experimental empírica dos processos psicológicos elementares, individuais, dependentes de condições fisiológicas.

Wundt considera que esta primeira parte do projeto não seria suficiente para alcançar a complexidade do psiquismo, e tendo isto em conta, ele propõe também uma investigação dos processos psicológicos superiores, como a linguagem, as produções culturais e as religiosas. Para Wundt, esses fenômenos emergem das relações sociais, não podendo ser explicados satisfatoriamente em termos individuais. A segunda parte de seu projeto se trata de uma psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*), que é uma forma de *Geisteswissenschaft*: uma ciência humana e social (Farr, 2016; Figueiredo & Santi, 2008).

A investigação conduzida na segunda parte do projeto de Wundt também deveria fazer uso de métodos científicos que levassem em conta as especificidades de seus objetos: por não serem acessíveis à experimentação, os processos psicológicos superiores seriam estudados pela observação de seus já citados produtos. Esta análise estava apoiada, por exemplo, nos métodos descritivos e comparativos da antropologia e da linguística, que possibilitavam o estudo científico de tais manifestações mentais ao longo da história. Tem-se, então, uma compreensão do psiquismo que considera sua dimensão histórica, elemento inerente às *Geisteswissenschaften* (Farr, 2016).

De acordo com Vigotski (1999), a compreensão de um dado momento histórico de uma ciência engloba três elementos: a estrutura sócio-cultural, o status geral da ciência e as imposições que o objeto desta ciência estabelece para seu conhecimento científico. Procedendo desta maneira, para que seja possível refletir sobre os rumos que a psicologia toma após sua aceitação como campo científico, é importante buscar as fundamentações da proposta de Wundt, de maneira a compreendê-la a partir do cenário em que ela pôde surgir e de suas influências, tanto as advindas da filosofia interessada no psiquismo quanto as resultantes dos desenvolvimentos da ciência em termos modernos. É possível avançar, assim,

com a localização de noções e propostas que ajudaram a criar as condições a partir das quais foi possível a constituição da psicologia como ciência apartada da filosofia.

A partir da modernidade, emergem questões e experiências históricas que viriam a estar localizadas no domínio de uma psicologia ainda por nascer. De acordo com Ferreira (2013a), algumas das mais eminentes são a dicotomia mente/corpo; a importância de uma subjetividade individualizada; a compreensão da vida humana como constituída por diferentes fases, cada uma com suas particularidades; e as mudanças na concepção das afecções psíquicas, como a loucura. É compreensível, dessa forma, que a psicologia tenha se tornado tema nas discussões filosóficas, sobretudo a partir do século XVIII (Vidal, 2013).

Uma das referências significativas na composição do projeto de Wundt, surgida neste momento de efervescência filosófica interessada na psicologia, é Christian Wolff (1679-1754), filósofo que, ainda no século XVIII, sistematiza as bases para um projeto de psicologia, embora esta ainda não estivesse dissociada da filosofia. Apesar de pouco enfatizado nos manuais de história da psicologia, seus trabalhos no contexto do iluminismo alemão exerceram grande influência no pensamento daquela conjuntura, no tocante às questões circunscritas ao campo da psicologia. Mais que isso, ele aprofunda discussões que viriam a impactar diretamente no estabelecimento e fundamentação da psicologia enquanto disciplina científica independente (Araújo, 2012).

A partir das críticas feitas pelos filósofos empiristas ao racionalismo, Wolff busca estabelecer o espaço que a apreensão da realidade pelos sentidos tem na constituição do conhecimento. Em seu sistema de pensamento, os fatos empíricos não podem ser desconsiderados, já que é a partir destes que os objetos de estudo são estabelecidos. Mas, conhecidos os fatos, segue a busca pelas razões dos mesmos, e é esta separação entre a existência ou ocorrência de algo e a busca por suas explicações que viria a diferenciar a experiência comum do conhecimento filosófico (Araújo, 2012).

É importante destacar estes elementos iniciais em Wolff por estabelecerem o conhecimento como sendo o resultado da reflexão filosófica. O conhecimento é resultado de um estágio de elevação, que parte dos dados empíricos para novos graus de complexidade e generalização. Embora esta etapa pressuponha a observação dos fenômenos, a consequente explicação se dá propriamente na articulação entre a reflexão a respeito de suas condições de ocorrência e a sistematização oportunizada pelo uso da matemática. A ideia de ciência, para este filósofo, passa pela justificação do observável a partir da dedução de proposições a serem confirmadas, mais uma vez, na experiência (Araújo, 2012).

Isto em conta, Wolff organiza sua empreitada de compreensão do psiquismo partindo de uma psicologia de orientação empírica que, para ele, não seria suficiente para alcançar as razões daquilo que é possível pela *alma* (já que, neste momento, sua ideia de alma correspondia ao conceito de psiquismo). Esta tarefa empírica tinha por objetivo estabelecer bases concretas a partir das quais um segundo programa, a psicologia racional, levaria a cabo a busca pelas razões para as coisas compreendidas como pertencentes a este campo de estudo. Sua proposta de psicologia empírica é, então, uma etapa inicial notável na investigação do psiquismo, e Wolff afirma que este projeto terá como tarefa estabelecer, a partir da experiência sensível, que ele afirma ser ponto de partida confiável, os princípios que orientarão a busca pelas explicações para os eventos psíquicos. No que diz respeito ao acesso à experiência psíquica, Wolff declara que isto só seria possível pelo estudo consciente dos próprios eventos mentais. Estabelecendo que o método da psicologia seria a introspecção, o filósofo propõe que, para comprovar a verdade dos conceitos psicológicos, deve-se experimentá-los em si mesmo ou reduzi-los a elementos já experienciados (Araújo, 2012).

Considerando especificamente as aproximações entre os postulados de Wolff e o projeto de Wundt, é notória neste a influência da premissa wolffiana de que a psicologia empírica seria um projeto limitado: embora a observação e a obtenção de dados empíricos

sejam etapas necessárias à compreensão do psiquismo, elas não são suficientes para explicá-lo satisfatoriamente. Outro componente da psicologia wundtiana – e de outros projetos que a antecederam – que guarda proximidade das obras de Wolff é o uso da introspecção como método, embora, até chegarmos a Wundt nesta linha de ancestralidade, haja outras considerações. Como afirma Araújo (2012), a psicologia estabelecida por Wundt é um bom exemplo da persistência da influência de Wolff.

Sumarizando a psicologia wolffiana, ela trata da parte da filosofia que se ocupa das razões do que é possível pela alma humana. Para que se chegue a este entendimento, a disciplina deveria empreender a validação de tais razões a partir da experiência e, por isso, seu projeto é duplo: empírico e racional. A partir do componente empírico desta disciplina, que pertenceria à filosofia experimental de sua época, deveriam ser experimentalmente estabelecidos os princípios direcionadores da busca pelas razões para os fenômenos da alma. Esta organização é inspirada pelo estado da ciência física naquele momento histórico: ela também se divide em um componente empírico e em um racional (Oliveira, 2021).

A obra de Wolff, por certo período, dominou as discussões filosóficas a respeito da psicologia no contexto alemão. Seu projeto de ciência englobava muitas áreas do conhecimento e tinha como meta unificar razão e experiência, conforme foi visto no desdobramento de sua proposta de compreensão do psiquismo. No entanto, a tradição estabelecida por este filósofo viria a ser efetivamente negada com as críticas elaboradas por Immanuel Kant (1724-1804) (Vidal, 2013).

Os debates a respeito das possibilidades de uma psicologia científica, provocados pelo interesse nas questões psicológicas durante o século XVIII, fazem emergir como uma das condições de possibilidade para o estudo científico do psiquismo a separação entre filosofia e ciência. Este movimento ocorreu a partir do final do século XVIII por teóricos como Kant e Auguste Comte (1798-1857) (Ferreira, 2013a).

Como um operador de relevância para o efetivo estabelecimento de limites entre os domínios da metafísica e do que pode se tornar ciência, Kant, um dos mais importantes filósofos da modernidade (Ferreira, 2013b), dialoga diretamente com Wolff, sendo a elaboração da psicologia proposta por este último um elemento central para a crítica kantiana das relações entre filosofia e conhecimento científico. Tem destacada relevância, nesse debate, a divisão entre psicologia empírica e racional. Em sua obra de 1771, *Crítica da Razão Pura*, Kant empreende uma busca pelos limites do verdadeiro conhecimento, com especial atenção para os equívocos aos quais a razão pura pode ser levada quando se sobrepõe à realidade empírica, fenômeno que o filósofo denomina *paralogismo* (Ferreira, 2015).

Em sua proposta de solução do conflito entre inatistas (defensores da ideia de que a razão e as ideias seriam fenômenos inatos ao humano) e empiristas (que, por outro lado, explicam o conhecimento como constituído a partir dos sentidos e da experiência), Kant muda a perspectiva da filosofia interessada na compreensão do conhecimento. Ele propõe que as atenções, nessa discussão, se voltem para a própria capacidade de entendimento – a razão –, suas condições e limites. Adotando este ponto de vista, o filósofo estabelece como condição do saber o sujeito transcendental (ou sujeito do conhecimento), tido como uma capacidade universal (em diferenciação de uma subjetividade psicológica, individual) e inata (Chauí, 2016).

Essa capacidade seria uma forma *a priori*<sup>3</sup>, sem conteúdo, mas que, como faculdade, depende da experiência para que chegue a conhecer, sendo, sem ela, vazia. Kant contrapõe tanto os inatistas, que supunham que os conteúdos do conhecimento fossem internos, quanto os empiristas, que entendiam que as próprias condições do conhecimento seriam externas, adquiridas na experiência sensível. A teoria kantiana propõe que o conhecimento se daria

---

<sup>3</sup> Independente da experiência sensorial, antecedendo-a (Chauí, 2016).

pela organização da experiência pelas capacidades inatas da razão, como o tempo e o espaço (Chauí, 2016).

Na busca pelos limites do que seria possível pela racionalidade, Kant se volta para a metafísica, campo do saber em que predominaria, segundo ele, a razão pura. Inicialmente aceitando a divisão da compreensão do psiquismo entre empiria e racionalidade conforme proposto por Wolff em sua psicologia (Penna, 1991), Kant se ocupa em apontar os paralogismos presentes nas ideias da razão (que, segundo ele, são produtos dessa razão pura), entre as quais figuram a psicologia racional (*Psychologia Rationalis*) de Wolff. Sobre essa questão, diz Ferreira (2015, p. 183):

O argumento básico contra a *Psychologia Rationalis* é que o suposto conhecimento de uma alma imortal está assentado na experiência de um eu, ou o sentido interno fenomenal, que nada mais seria do que uma intuição empírica, que diz respeito ao próprio tempo da consciência, de resto, bem diferente do que Kant entende pelo *Eu penso*. Este seria uma pura função de organização da experiência e sujeito de todo julgamento de apercepção, sobre o qual não poderia recair qualquer apreensão direta, uma vez que ele é condição transcendental de todo conhecimento. O erro da *Psychologia Rationalis* estaria em tomar este *Eu penso*, enquanto função transcendental do conhecimento, como algo passível de ser vivenciado como o nosso *eu empírico*. Nada teria a ver, pois, com qualquer abordagem *a priori* da alma imortal. Toda apreensão empírica das condições *a priori* do nosso conhecimento seria impossível: o *Sujeito Transcendental* para Kant seria a condição de todo o conhecimento, e jamais objeto de qualquer intuição direta ou algo substancializável. Em outras palavras, para este autor a *Psychologia Rationalis* nos levaria a confundir o *eu determinante* com o *eu determinável*; sujeito com objeto.

Ou seja, a empreitada da psicologia racional seria uma tarefa impossível, já que não seria viável qualquer conhecimento *a priori* a respeito do sujeito do conhecimento, a exemplo da busca pela razão dos fenômenos da alma, como proposto por Wolff (Penna, 1999). De maneira similar, a psicologia empírica é inviabilizada por Kant sob argumento de que os fenômenos do sentido interno possuem apenas continuidade (efeito da dimensão temporal), faltando-lhes a dimensão espacial que possibilitaria sua matematização. Outro argumento lançado nesse sentido é a impossibilidade de que os fenômenos psíquicos sejam submetidos à

observação e, sendo acessíveis apenas ao sujeito que os experiencia, confundem-se e modificam-se ambos, sujeito e objeto (Ferreira, 2015).

De acordo com Castañon (2009), na apreciação de qualquer proposta de psicologia em termos científicos modernos, as questões mais relevantes seguem sendo aquelas relacionadas à especificidade da natureza de seu objeto. O autor localiza nas discussões provocadas por Kant ao longo do século XVIII uma sistematização destes problemas, na forma dos vetos à psicologia científica estabelecidos em sua obra *Princípios metafísicos da ciência da natureza* (1786):

1. Descobrir o seu elemento de modo similar à química, para com isso efetuar análises e sínteses;
2. Facultar ao exame deste elemento um estudo de tal modo objetivo, em que sujeito e objeto não se misturem como na introspecção;
3. Produzir uma matematização mais avançada que geometria da linha reta, apta a dar conta das sucessões temporais do sentido interno (Ferreira, 2015, p. 184).

As discussões kantianas a respeito dos limites e condições do conhecimento ou sobre o uso da introspecção como meio de acesso a todos os aspectos do psiquismo terminam por inviabilizar o projeto de psicologia estruturado por Wolff. Kant ainda demarca a metafísica como um saber especulativo, sem fundamentação, reino da razão pura, e é aí que ele localizará os saberes psicológicos constituídos até então, marcando através de seus vetos a impossibilidade de que venham a consolidar-se em uma ciência (Ferreira, 2013a). Em suma, Kant propõe que a psicologia racional não pode tornar-se ciência por se tratar de metafísica, e que a psicologia empírica não poderia tornar-se uma ciência, propriamente, sem que seja capaz de superar seus vetos.

Nosso interesse pelas relações entre o pensamento de Kant e a psicologia tem, por fim, um caráter duplo. Em primeiro lugar, ao ver, em seu momento histórico, os avanços da ciência moderna (em especial a física e a matemática), ele empreende um trabalho que tem

entre seus objetivos trasladar este sucesso aos demais campos do conhecimento. Uma de suas consequentes tarefas é a de sistematizar o saber científico: o interessa saber quais as condições para o conhecimento, discussão que leva a questões ligadas à psicologia, campo interessado na razão, no pensamento e no conhecimento. Com isto, ele acaba por influenciar o desenvolvimento das ciências em termos modernos, estabelecendo noções a partir das quais estas puderam se desenvolver. Outra tarefa conduzida por Kant que tem repercussão continuada no campo científico é o expurgo da metafísica.

Por outro lado, na própria aplicação de sua sistematização do conhecimento a uma possível ciência do psiquismo, Kant não chega a uma solução viável, deixando, na forma de seus vetos, tarefas a serem superadas para que venha a surgir um projeto de psicologia empírica, de fato, científico. Estes direcionamentos para trabalhos posteriores serão destacadamente retomados no século XIX pelas pesquisas em psicofísica, conduzidas por estudiosos como Johannes Müller (1801-1858), Hermann von Helmholtz (1795-1878), e Gustav Fechner (1801-1887) (Ferreira, 2013b). Propondo soluções para as críticas kantianas, os trabalhos em psicofísica ajudam a compor, no contexto científico da segunda metade do século XIX, as condições para a aceitação da psicologia como uma ciência moderna, com a fundação do laboratório de Wundt em 1879 (Ferreira, 2013a; Ferreira, 2013b).

As críticas kantianas serão consideradas, em certa medida, pelo positivismo<sup>4</sup>, filosofia da ciência formulada por Comte no século XIX. Enquanto outro fator de relevância na compreensão do surgimento da psicologia moderna, ela busca uma disjunção entre ciências positivas e filosofia, atribuindo a esta última a análise e a interpretação dos métodos e resultados da ciência (que representaria o conhecimento, propriamente). O lugar reservado à filosofia, no positivismo, é o de uma teoria das ciências, e não mais o de estabelecimento do conhecimento (Chauí, 2016).

---

<sup>4</sup> Como mostra a síntese dos dogmas sobre os quais o movimento positivista se assenta (Comte, 2004b).

O positivismo se apoia sobre uma interpretação otimista da história, que é associada à ideia de progresso a partir do conhecimento: o acúmulo de saberes cientificamente determinados promoveria a melhora contínua da humanidade. Sob esse ponto de vista, a ciência teria a atribuição de promover o desenvolvimento social e, para este efeito, é primordial o estabelecimento de critérios rígidos para o trabalho científico (Chauí, 2016).

Enquanto elemento central da proposta positivista, a recusa da metafísica é parte de um esforço consciente para evitar a especulação em favor do conhecimento estabelecido sobre bases verificáveis, já que dele depende o rumo das sociedades, segundo Comte. As discussões do século XVIII sobre a alma humana, por exemplo, eram uma herança metafísica que dificultavam a aceitação da psicologia no campo científico, como este era concebido à época (Vidal, 2013). Nesse sentido, o filósofo positivista se inspira nos avanços vistos em seu tempo nas ciências naturais, tomando os métodos destas como modelo. Para que o verdadeiro conhecimento pudesse ser alcançado, o método científico deveria buscar a descrição dos fenômenos sob estudo e, ao associar observação e experimentação, alcançar as leis da natureza, deixando de fora as explicações metafísicas (Álvaro & Garrido, 2017).

Pondo seu projeto em prática, Comte busca categorizar os estágios do conhecimento com base em uma análise histórica do desenvolvimento da ciência, ligando o mais alto nível de sofisticação na constituição do saber ao abandono das crenças sobrenaturais/metafísicas aliado ao método das ciências naturais. Em seu *Curso de filosofia positiva* (2004a), o filósofo estabelece que a forma de produção do conhecimento passa, necessariamente, por três estados sucessivos, mutuamente excludentes: o teológico, o metafísico e o positivo.

No primeiro, a humanidade trataria os fenômenos como efeitos da ação de agentes sobrenaturais. No estado metafísico, tais agentes seriam substituídos por forças abstratas que, da mesma maneira, bastariam para explicar a realidade. Para Comte, a metafísica é uma forma intermediária de conhecimento situada entre o estado teológico, ponto de partida

necessário, e o terceiro estado, o positivo ou científico, que para ele se trata do destino fixo e definitivo das ciências. O estado positivo implica em uma renúncia da busca por causas e noções absolutas. Os esforços se voltariam para o estabelecimento de correlações e similaridades entre os fenômenos por meio da observação, que Comte afirmou ser a fundamentação do conhecimento real.

Outra consequência relevante é a tese da unidade das ciências, em que o filósofo propõe que todas as disciplinas científicas deveriam seguir o método das ciências naturais e se interligar em um sistema unificado de conhecimento, buscando alcançar o estado positivo e desvelando as leis que regem a realidade. A partir dessa tese, Comte estabeleceu uma hierarquia em que cada campo científico se baseia no anterior. Isso o leva a uma visão reducionista da ciência, na qual explicações científicas de um campo recorrem a leis formuladas em outro. Embora tenha evoluído já a partir do século XIX, esta filosofia da ciência mantém princípios comuns, como a adoção de objetos acessíveis à experiência sensorial na ciência, a necessidade de usar linguagem livre de abstrações e a crença na unidade das ciências, tendo o método experimental como universal. No geral, os avanços do positivismo reforçam a importância das provas empíricas como base do conhecimento científico e a rejeição da metafísica (Álvaro & Garrido, 2017).

Considerando a observação e a experimentação, nos termos das ciências naturais, como métodos privilegiados de acesso ao conhecimento, estaria garantida a objetividade e o rigor necessários à produção científica: o trabalho se limita a constatar, medir, registrar, descrever e prever os fatos observados. O saber produzido sob esta orientação seria livre de interferências subjetivas e o aparato técnico-científico entreposto entre o cientista e o objeto garantiriam tanto a reprodutibilidade do conhecimento obtido quanto sua neutralidade (Malheiro & Nader, 1987).

Por fim, Comte também expressa uma visão negativa da psicologia de sua época, encontrando as discussões psicológicas dispersas entre a metafísica, a biologia e a sociologia, e vendo-a voltada para um objeto imaterial. A psicologia, por fim, é excluída de seu sistema classificatório para as ciências. Em consequência, propõe que os estudos do psiquismo constituam um campo do conhecimento redutível aos níveis individual, já contemplado na fisiologia, e social, encontrado na sociologia (Álvaro & Garrido, 2017; Figueiredo & Santi, 2008).

No século XIX, momento de busca pela constituição das disciplinas ligadas às ciências humanas/sociais como campos científicos, dissociados da filosofia, o positivismo se oferece como um referencial. Nesse contexto, consolida-se a crença de que tal independência deveria se dar pelos ditames positivistas e a psicologia experimental proposta por Wundt na Alemanha, a despeito de suas particularidades, vincula-se a esta noção (Álvaro & Garrido, 2017).

O contexto filosófico e universitário alemão, no entanto, guarda especificidades. A determinação histórica das culturas e a influência da dimensão social na formação da subjetividade são conceitos fundamentais nessa conjuntura. Isso é exemplificado na compreensão de Johann Gottfried von Herder (1744-1803), que enfatiza que a cultura é essencial para o desenvolvimento humano e que cada sociedade tem particularidades históricas únicas. Essa visão entra em conflito com o positivismo, que busca universalidade e propõe o uso dos métodos das ciências naturais às ciências humanas. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) representa uma influência significativa na reafirmação da importância da história na constituição do ser humano. Wundt, ao mesmo tempo que utiliza abordagens experimentais, que mantêm aproximações do positivismo, reconhece a relevância da história e da cultura na formação da subjetividade e incorpora métodos apropriados para entendê-los (Álvaro & Garrido, 2017).

Ao longo do século seguinte na filosofia da ciência, o positivismo continuou a ser a corrente predominante, especialmente com o surgimento do positivismo lógico<sup>5</sup>. Essa abordagem manteve a ideia da unidade das ciências e a rejeição da metafísica. Seus proponentes, em concordância com Comte, argumentavam que todas as ciências, sejam naturais ou sociais, deveriam se unir sob o método experimental, acrescentando que critérios específicos deveriam ser incorporados para cada campo científico. Retoma, ainda, a noção vista em Kant, e agora ampliada a partir da lógica filosófica, de que tanto a ciência quanto a filosofia precisavam se afastar da metafísica e se fundamentar lógica e empiricamente para se tornarem campos legítimos de conhecimento. Assim, a linguagem empregada nessas disciplinas deveria aludir apenas a objetos externos, particulares e eliminar tanto abstrações quanto universalizações (Álvaro & Garrido, 2017).

O Círculo de Viena foi um grupo formado por intelectuais interessados em tais discussões, tendo como objetivo o avanço da atividade científica no início do século XX. A partir de suas atividades, o positivismo lógico ganhou destaque como uma corrente filosófica distinta por volta de 1929. No entanto, na década seguinte, o Círculo de Viena foi dissolvido devido à ascensão do nazismo na Áustria. A dissolução não diminuiu a importância dessa corrente nas discussões sobre o progresso das ciências. Pelo contrário, as ideias desenvolvidas no Círculo de Viena foram disseminadas internacionalmente à medida em que seus membros se deslocaram para outros países. O positivismo lógico tem impacto continuado e significativo na filosofia da ciência, na epistemologia e na filosofia da linguagem, influenciando por décadas a forma como questões filosóficas e científicas são abordadas e debatidas em todo o mundo (Álvaro & Garrido, 2017).

Retomando a proposta de Wundt enquanto um esforço de estabelecimento científico oficial da psicologia, é trazida uma concepção sofisticada para o psiquismo, no sentido de

---

<sup>5</sup> Também chamado de neopositivismo ou empirismo lógico (Álvaro & Garrido, 2017).

levar em consideração tanto os esforços de superação dos vetos kantianos realizados por teóricos e estudiosos como Müller, Helmholtz, Weber e Fechner, quanto a importância da historicidade para o seu objeto, aspecto no qual localizamos influências da importância que a história assume na concepção de mente, no contexto alemão. Além desse papel de relevância, os trabalhos de Wundt também são centrais na formação de uma geração de psicólogos. No entanto, parte desta psicologia será rejeitada pela perspectiva positivista porque, em seu sistema, Wundt considera a psicologia empírica insuficiente para abarcar a amplitude e complexidade de sua compreensão da vida psíquica.

Embora a psicologia wundtiana contemplasse as condições de um projeto duplo informado pelas concepções de ciências naturais e ciências humanas e sociais encontradas no contexto das universidades alemãs, o positivismo estava em vias de tornar-se o modelo dominante de ciência. Assim, na busca de afirmar a psicologia como uma ciência independente, fazia-se necessária uma revisão do projeto wundtiano a partir do modelo científico positivista de forma a transformá-lo em um empreendimento alinhado às exigências de tal *zeitgeist*. Uma das consequências deste movimento é o que Farr (2016) chama de repúdio positivista ao pensamento de Wundt.

Entre os estudiosos que se opuseram à fragmentação da psicologia em dois projetos distintos e afirmavam a circunscrição desta ciência exclusivamente dentro das ciências naturais, em um projeto que difere daquele proposto por Wundt, estão Oswald Külpe (1862-1915) e Hermann Ebbinghaus (1850-1909). Em suas pesquisas, estes alunos de Wundt conduziram estudos experimentais de processos psicológicos superiores, como o pensamento e a memória. Para isto, operam a individualização de processos que, para Wundt, são essencialmente sociais, desvinculando-os também de suas dimensões históricas. Assim, a substituição da mente pelo organismo pareceu atender mais satisfatoriamente à nova caracterização do objeto de estudo da psicologia (Farr, 2016).

A ideia de que o método experimental teria utilidade limitada no estudo científico da experiência subjetiva também é rejeitada pelos psicólogos do contexto inglês. Para estes, marcar a insuficiência de uma proposta experimental representa uma falha, uma abertura para a metafísica. Os trabalhos produzidos em psicologia na conjuntura britânica eram fortemente influenciados por sua tradição empirista, pelo movimento associacionista e também pelo positivismo (Farr, 2016).

Para além do repúdio positivista, a psicologia de Wundt recebe uma nova interpretação ao ser incorporado na tradição inglesa: sua psicologia experimental é inscrita naquela que é considerada a primeira escola oficial de psicologia, o estruturalismo, mesmo que Wundt nunca tenha feito parte deste movimento. Este viés em favor de uma proposta que se aproxima das ciências naturais, em detrimento de seu projeto de psicologia dos povos, ligado às ciências humanas e sociais, marcará a inscrição de Wundt na história da psicologia até ser revisitado, na segunda metade do século XX (Araújo, 2013).

O repúdio positivista a Wundt e o apagamento histórico de seu projeto de psicologia dos povos são significativos por representarem um movimento de afirmação da psicologia como uma ciência empírica e experimental. Seus objetivos são a previsão e o controle de seu objeto. O psiquismo, aqui considerado um objeto de estudo individual, é dissociado de seu contexto histórico e das relações sociais que atravessam seu desenvolvimento. Para atingir estes objetivos, adapta métodos desenvolvidos nas ciências naturais. Outra característica dessa psicologia, de acordo com Japiassu (1979), é a ausência de reflexão a respeito de seus pressupostos filosóficos e teóricos, sendo sua viabilidade justificada pela eficácia.

Este recorte se tornará paradigmático a partir da disseminação da psicologia científica ao longo das décadas seguintes, processo conduzido de maneira destacada justamente pelos psicólogos e historiadores do contexto de língua inglesa. Estabelecido este direcionamento,

surtem diferentes propostas alinhadas a tal visão da psicologia, como o funcionalismo, o behaviorismo e a psicologia cognitiva.

Ainda surgirão outros projetos de compreensão e estudo do psiquismo, assentados em outras premissas e com concepções diferentes sobre o objeto de interesse e sobre o método a ser usado. Na medida em que se afastam dessa visão positivista de ciência, serão alvo de críticas tanto por não serem experimentais quanto por admitirem a metafísica em suas fundamentações. Este grupo, frequentemente rejeitado como não-científico, abarca propostas como, por exemplo, a psicanálise e as psicologias fenomenológicas.

### **3.2 A interpretação vigotskiana da crise da Psicologia**

A fragmentação da ciência psicológica não passa despercebida pelos teóricos que, já no início do século XX, circunscrevem uma crise de fundamentos a partir da sua diversidade de propostas. Esta se relaciona com as divergências de fundamentação teórico-filosófica, de objeto a ser estudado e de método das disciplinas particulares que se desenvolvem de maneira autônoma, sem unidade, dentro do campo estabelecido pela psicologia científica.

É nesse cenário que desponta Vigotski, conhecido como proponente da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), uma ciência da gênese dos processos psicológicos tipicamente humanos. Elaborada a partir de direcionamentos estabelecidos pela produção de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o projeto do bielorrusso enfatiza a relevância do contexto histórico e cultural nos estudos sobre o psiquismo<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> De acordo com Toassa & Marques (2023), os trabalhos do psicólogo bielorrusso têm tido proeminência nas graduações em psicologia, sobretudo nas disciplinas ligadas à educação e ao desenvolvimento. Esse recorte específico que a PHC recebe nas formações em psicologia é efeito tanto de disputas políticas internas à União Soviética (que resultaram na censura e na remoção de partes das produções vigotskianas) quanto de leituras parciais e edições descuidadas de seus trabalhos, quando da publicação em países ocidentais. Outros trabalhos (Romanelli, 2011; Rego, 1995), apesar disso, indicam que as produções de Vigotski excedem essas áreas com contribuições para a abordagem das questões psicológicas ligadas a áreas como a arte, a literatura, os estudos sobre a deficiência e – mais importante para nosso trabalho – também para a filosofia, a epistemologia e a metodologia da psicologia.

Considerando o quadro fragmentário em que se encontrava a psicologia, Vigotski elabora uma análise da crise nesse campo. Em seu manuscrito *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (Vigotski, 1999) – daqui em diante referenciado como SHCP –, ele examina a diversidade de propostas na psicologia da segunda metade da década de 1920, quando o texto foi escrito, e elabora seu diagnóstico. Em um trabalho eminentemente histórico e epistemológico, Vigotski procede com sua apreciação de fundamentos, definições conceituais e métodos em psicologia, localizando a necessidade de integração destas disciplinas como uma tarefa crucial para o avanço da psicologia como ciência, no entanto, ainda não realizada. O manuscrito, no entanto, não havia sido preparado para publicação, conforme explicam Costa e Martins (2018), e muitas de suas ideias são posteriormente elaboradas em outros trabalhos. Entre estes, destacamos *A ciência psicológica (1928)*, texto que recebe publicação no Brasil pela primeira vez em 2023 e que também oferece contribuições à pesquisa aqui conduzida.

Indo além da análise e do diagnóstico, o psicólogo bielorruso elabora, no SHCP, sua proposta de realização desta necessária integração metodológica da psicologia, fundamentado-a no materialismo dialético, orientação que, no contexto da União Soviética do tempo histórico de Vigotski, tratava-se de uma filosofia geral da ciência, como aponta Lordelo (2011). Chega-se, então, a um trabalho elaborado dialeticamente a partir de uma visão da psicologia como um fenômeno humano e, como tal, vivo, em movimento, perpassado por contradições. Procedendo assim, Vigotski busca superar a dicotomia derivada das tendências dos estudos do psiquismo a serem diluídos entre as ciências naturais e as ciências humanas/sociais – frutos, segundo ele (1999), da posição dependente da biologia e da sociologia em que Comte situa a psicologia.

A análise da fragmentação se apoia nas formas históricas e concretas assumidas pela psicologia da época, e não a partir da lógica filosófica ou de princípios abstratos.

Considerando essa realidade, o teórico objetiva alcançar a essência da psicologia e de sua crise, desvelando seu destino (Vigotski, 1999). Diante dos diversos projetos de estudo científico do psiquismo existentes, Vigotski identifica duas tendências fundamentais com as quais todos eles guardam relações de alinhamento ou oposição, remontando suas origens à filosofia de Wolff (Vigotski, 1999).

A divisão se relaciona com as duas tarefas historicamente postas para a psicologia e têm, associado a cada uma, um modo de proceder. É possível relacionar o fenômeno psicológico com os demais fenômenos científicos (fisiológicos, ambientais) e, assim, examiná-lo em sua relação com estes usando métodos desenvolvidos em outras ciências, estabelecendo relações de causalidade e buscando estabelecer leis gerais que tornem possível seu controle. De outra maneira, é também plausível abordar o psiquismo subjetivamente, investigando-o com a intenção de descrevê-lo e compreendê-lo como objeto singular, de qualidade única, evidenciando-o da forma mais direta possível na intenção de alcançar sua vivência. Para esta tarefa, se faz necessário um método próprio de análise que não o compare a outros fenômenos nem o relacione com o mundo físico, já que o psiquismo, nessa concepção, rejeita métodos objetivos.

Nomes diferentes foram dados às duas concepções: a primeira chamou-se psicologia empírica, explicativa, indutiva, causal ou fisiológica, enquanto a segunda recebeu as alcunhas de psicologia descritiva, analítica, teleológica, intencional, do espírito ou compreensiva. Vigotski (2023) as nomearia, respectivamente, como psicologias materialista e idealista, denominações que, segundo Romanelli (2011), associam o psicólogo à concepção do fenômeno psíquico estabelecida por Marx como a reprodução mental do fenômeno concreto.

O ideal e o material são manifestações de uma mesma natureza, e o conhecimento se constitui mentalmente como o resultado de uma análise objetiva do que aparece na realidade, e não como reprodução fiel dela. Essa compreensão implica o material como sendo a

referência para o conhecimento, já que parte-se da forma como ele se apresenta e realiza-se uma investigação que tem como propósito alcançar seu funcionamento enquanto efeito de processos que lhe são subjacentes. A compreensão resultante dessa investigação será confrontada, mais uma vez, com a realidade objetiva. Este processo pode repetir-se até que a reprodução ideal seja capaz de explicar a realidade material para além de sua aparência (Romanelli, 2011).

É assim que Saviani (2013, como citado em Pasqualini & Martins, 2015), caracteriza o conhecimento do fenômeno concreto: parte-se de sua apreensão imediata, empírica, chamada por este autor de concreto real e, pela mediação da abstração, chega-se ao desvelamento da essência do concreto. O resultado é o concreto pensado, o fenômeno depois de ser apropriado pela cognição. Esta visão se diferencia da estabelecida pelo empirismo ingênuo positivista que, segundo Saviani, confunde o concreto com o empírico.

Merece destaque, ainda, a influência que a teoria marxiana tem sobre a concepção de humano em Vigotski. Há uma interdependência entre as condições materiais e o ser humano, mediada pela atividade: na criação de melhores condições de existência, as pessoas interagem e cooperam por meio de sistemas simbólicos. As novas condições, as relações sociais e os sistemas de representação simbólica modificam as capacidades psíquicas humanas. É a partir das apropriações dessas modificações ao longo do tempo que se estabelece o caráter histórico da humanidade: a compreensão do humano envolve a compreensão de sua história.

Assim, os fenômenos psíquicos superiores surgem e se desenvolvem como efeitos das modificações recíprocas entre a consciência humana, suas condições materiais e suas relações sociais, fenômeno mediado por seus instrumentos de atividade – dentre os quais cabe destacar a linguagem, considerada, nessa visão, como instrumento primário do psiquismo. Compreende-se, assim, que o desenvolvimento da consciência individual não se reduz à experiência imediata dos indivíduos, uma vez que o pensamento passa a ligar-se

intrinsecamente à linguagem, que por sua vez deriva de uma cultura em um momento histórico particular (Rego, 1995).

Ainda, para a compreensão do trabalho empreendido por Vigotski no SHCP, importa-nos contextualizar sua concepção de dialética, também recuperada da obra de Marx. Como um método elaborado por Hegel para a subsunção de ideias conflitantes, a dialética é incorporada à teoria marxiana com sentido invertido: não mais se trata do atravessamento de contradições ideais, mas de oposições materiais (Santa & Baroni, 2014). A realidade concreta passa a ser vista processualmente, como atravessada por conflitos e determinações que lhe conferem caráter dinâmico e levam a mudanças, que acontecem de forma dialética: os elementos contraditórios são incorporados, negados ou elevados.

A compreensão científica dos objetos de estudo não mais pode considerá-los como entidades estáticas. Devem ser compreendidos dinamicamente, de forma processual, já que suas formas aparentes ocultam suas determinações. Uma consequência importante dessa perspectiva, como aponta Rego (1995), é a mudança na relação entre sujeito e objeto na produção do conhecimento. Não se tem, aqui, o sujeito neutro, contemplativo, apartado de seu alvo de investigação em um processo livre de interferências no qual se extrai o conhecimento.

Ao contrário, sujeito e objeto estabelecem uma relação dialética na qual modificam-se mutuamente no próprio ato de conhecer, quando a matéria é recriada idealmente a partir do encontro de ambos. O próprio conhecimento é processual (Rego, 1995). Para Vigotski, a perspectiva dialética oferece a possibilidade de estabelecer concepções e métodos a partir dos quais as dualidades vistas em psicologia podem ser abordadas compreensivamente e, de forma mais importante, suplantadas.

Na leitura de Vigotski, a crise da psicologia se deve à ausência de um sistema unificado de fundamentação científica, o que faz com que cada nova iniciativa nesse campo

estabeleça como ponto de partida um sistema distinto e siga rumos independentes daqueles tomados pelas outras ciências particulares, por força dos objetivos específicos estabelecidos para cada uma delas. Citando Ebbinghaus a respeito dessa fragmentação, ele concorda que, como efeito de um embate entre perspectivas científicas que são, no limite, distintas e excludentes, as concepções mais fundamentais da psicologia são alvo de constantes dúvidas e debates (Vigotski, 1999).

No entanto, diz ele, a crise é benéfica, apesar de destruidora: a partir dela será possível a evolução dessa ciência. Para isso, uma tarefa imediata proposta pelo psicólogo é a criação desse sistema científico renovado – uma psicologia geral, a exemplo das ciências gerais encontradas, por exemplo, na física e na biologia –, que, alcançando a essência da psicologia, servirá como referência alicerçadora e organizadora para todas as propostas de estudo do fenômeno psicológico. Disso, diz Vigotski, depende o futuro dessa ciência, é seu destino (Vigotski).

A existência de tendências opostas no interior da psicologia pode ser verificada de outra maneira: nos projetos duplos de ciência, a exemplo daqueles propostos por Wolff ou Wundt. Para Vigotski (2023), o aparecimento de tais projetos não somente atesta a existência das duas tendências já identificadas, mas sua conclusão lógica é a afirmação de que, enquanto ciência, apenas a psicologia materialista é possível para a superação das dualidades anteriormente pensadas como elementos independentes no interior desses sistemas: empírico e racional, fisiologia e sociologia, individual e social (Vigotski, 1999).

Ao estabelecer as diretrizes para a criação da sua psicologia geral, o psicólogo bielorruso afirma categoricamente que esse movimento não será caracterizado pela conciliação das duas psicologias – materialista ou idealista –, nem pela criação de uma terceira, e sim pela ruptura com uma das duas orientações, uma vez que estas são incompatíveis (Vigotski, 1999; 2023). A psicologia geral será, ainda, de acordo com Vigotski,

uma ciência natural e, aqui, cabe especificar o emprego do termo em diferenciação de seu uso comumente visto em autores ocidentais, que ele julga ser equivocado. Para o autor, o termo “natural” na expressão se refere a seu sentido imediato, ou seja, tudo que existe na realidade, compreendendo também a natureza social e a consciência, elementos que comumente são distinguidos da natureza. Considerando isto, ele não diferencia as ciências naturais das ciências humanas/sociais (Vigotski, 1999).

Sinalizando a inclinação a ser adotada pela psicologia geral, Vigotski declara que a prática, na forma da psicologia aplicada, pautará seus rumos. Em consonância com sua orientação materialista, ele reitera que a aplicação objetiva se depara com problemas concretos e, assim, é levada a se reorganizar. Sumariza:

O princípio da prática e sua filosofia se impõem uma vez mais; a pedra que foi rejeitada pelos construtores, esta veio a ser a pedra angular. Aí se encontra o significado completo da crise (Vigotski, 1999, p. 345).

As consequências metodológicas desse posicionamento são enfatizadas por Vigotski: a aplicação prática demanda rigor do método, que se trata de uma mediação entre o objeto e o resultado pretendido (1999). É nesse sentido que o método é elemento proeminente da reorganização ambicionada. Apenas essa unidade dialética entre metodologia e prática oferece saída para a crise, o que implica no abandono do empirismo irrefletido, a emancipação da introspecção e a escolha entre uma das duas tendências (Vigotski, 1999).

O projeto de psicologia geral esboçado por Vigotski, solução para a crise identificada, trata-se de uma psicologia unificadora e ordenadora, aliada a um método, o dialético, buscando superar a crise dessa ciência. Ela não é uma abordagem ou escola, mas a única psicologia que pode existir. Por sua base materialista dialética, ela romperia com as dicotomias e superaria o quadro de fragmentação da ciência psicológica. Essa psicologia por nascer ainda não dispunha de método, problema para o qual Vigotski propõe a dialética.

Além disso, ele critica os que meramente derivam preceitos metodológicos diretamente da obra de Marx, uma vez que o filósofo alemão não se propôs a estudar o psiquismo. As psicologias existentes à época também não se prestavam a esse papel, uma vez que tendiam a unificar a ciência a partir de seu próprio sistema teórico, desenvolvido de forma alheia aos outros sistemas existentes.

Ele aponta, no entanto, que a tendência observada nas psicologias particulares é a de que desenvolvam princípios explicativos e passem a usá-los para explicar a totalidade do campo, o que resulta em toda a sorte de simplificações, apagamentos e equívocos. Ainda assim, essa característica comum seria, para Vigotski, uma sinalização da necessidade de princípios explicativos gerais da psicologia. A partir de um sistema de conceitos que servirá de apoio para todas as psicologias particulares e mediará a aplicação das abstrações do materialismo dialético aos fenômenos psicológicos, sua psicologia geral – que ele chama de dialética da psicologia –, conduzirá a tarefa necessária, histórica, de organizar e dar coerência ao campo, apreciando fatos relevantes para o maior número de fenômenos estudados nas ciências particulares e o fará sem privilegiar qualquer de seus sistemas em particular. Tal mediação se faz necessária, diz Vigotski (1999, p. 393), porque a dialética é a ciência de mais alto nível, um sistema de fato universal. É necessário particularizá-lo para a psicologia, e esta proposta de marxismo psicológico é a forma de sua psicologia geral (Vigotski, 1999; Vigotski, 2023).

Para a criação da psicologia geral, deve ainda ser superada a contradição entre indução e análise, as formas de conduzir trabalhos nas duas perspectivas encontradas em psicologia. Ao passo que o conhecimento, a partir da indução, se estabelece por uma generalização fundamentada na observação reiterada, por uso da análise, apreende-se a verdade diretamente, de uma vez. Vigotski propõe que estudar um fenômeno analiticamente significa voltar-se para um exemplo típico e, a partir deste, deduzir princípios aplicáveis a

toda a sua categoria. A análise, no entanto, não nega a indução, já que uma observação pode revelar conclusões generalizáveis: ela é sua forma superior (1999).

Sua crítica ao método puramente experimental, indutivo, é sustentada com referência aos trabalhos de Marx e Engels, em que estes desvendam os mecanismos que regem a organização produtiva de todas as formas econômicas a partir de sua ‘célula’ no contexto do capitalismo – a forma valor da mercadoria – e declaram que, procedendo experimentalmente, isso seria impossível. Ademais, mesmo nas ciências naturais, estes não apenas não devem ser os modos únicos de proceder cientificamente, como não devem ser sequer os caminhos principais, já que nos fenômenos concretos, os processos determinantes se apresentam ocultados por processos acessórios. A abstração seria o instrumento científico capaz de desvelar os processos essenciais, enquanto sem ela a indução se reduziria ao registro de informações (Vigotski, 1999).

Ao elaborar sobre o problema da relação entre o objeto e o método em psicologia, Vigotski o explica por meio de uma analogia com o reflexo de uma mesa em um espelho: a mesa e sua imagem refletida são reais, embora de modos diferentes. A imagem não se trata de uma segunda mesa, mas o efeito da relação entre o objeto e a refração que ele causa nos raios luminosos e, por isso, não é possível uma ciência sobre esse reflexo, mas há uma ciência que, a partir da mesa e das leis de refração da luz, é capaz de prever e controlar o reflexo. Para o bielorrusso, o mesmo acontece na psicologia:

(...) o subjetivo, o espectro em si, deve ser compreendido como a consequência, como o resultado (...) de dois processos objetivos. O enigma da psique se resolverá como o do espelho, não estudando espectros, mas estudando duas séries de processos objetivos, de cuja integração surgem os espectros como reflexos aparentes de um no outro. Em si, a aparência não existe (Vigotski, 1999, p. 388).

Assim, ele diz que seria errôneo equivaler o reflexo aos processos dos quais é efeito (que, de fato, existem). A imagem no espelho não é a refração dos raios luminosos em sua superfície e sim seu efeito. Ela não tem existência para além da relação entre a mesa, a luz e o

espelho. Da mesma maneira, a consciência e o cérebro, enquanto entidades existentes, refletem a natureza, e não há tal reflexo sem a existência concreta da consciência e do cérebro, que existem independentemente desse reflexo.

É nesses termos que retomamos a defesa empreendida por Vigotski de que sua proposta de psicologia, em sentido metodológico, só pode existir como ciência natural – compreendida como ciência das coisas existentes na natureza –, fazendo questão de diferenciá-la da perspectiva vista nas ciências biológicas e, de maneira mais relevante, afastá-la da pura apreensão empírica, imediata e estática dos fenômenos psicológicos. Indo além, ele se inspira no trabalho de compreensão das formas econômicas realizado por Marx para afirmar a psicologia como “ciência histórico-natural” (Vigotski, 1999, p. 387).

### **3.3 Algumas considerações sobre a Psicologia Empírica**

Ao lançar luz sobre a necessidade de abarcar, na psicologia geral, a natureza social e histórica do ser humano, Vigotski afirma a importância de ultrapassar o reducionismo do psíquico ao biológico, resgatando a dissolução das questões da psicologia entre a fisiologia e a sociologia proposta em Comte. Não seria possível reduzir o objeto dessa ciência a uma psicologia animal, biológica, puramente empírica, já que a sociologia seria uma mediação necessária à sua compreensão (Vigotski, 1999). Para se tornar humano, o indivíduo deve, necessariamente, adentrar na cultura de maneira a construir e compartilhar significados, formas de ser, de interagir e de modificar a realidade em que vive e, neste processo, manifestam-se seus processos psicológicos superiores. A história da atividade humana tem uma relação íntima com o seu desenvolvimento psíquico (Gomes et al., 2016).

Esse fato, no entanto, não significa eliminar qualquer relação do psiquismo com a biologia. Em seu artigo de 1928, Vigotski (2023) realça o caráter revolucionário encontrado na teoria do condicionamento clássico de Ivan Pavlov (1849-1936) que, segundo o bielorrusso, estabelece cientificamente a continuidade entre as raízes animais do ser humano

e seu psiquismo, uma ponte entre biologia e história ao correlacionar um fenômeno filogenético (o comportamento reflexo) a um elemento qualquer do meio. É a partir dessa perspectiva, que Vigotski considera revolucionária, que se mostra possível a superação da antinomia biológico versus psicológico e, além disso, nega a noção de psiquismo como matéria independente, sem relações com componentes biológicos. Reforça-se a ideia de psicologia como ciência natural.

No entanto, ao longo do texto SHCP, desenha-se também uma marcada crítica ao que Vigotski denomina como ‘empréstimos’ das ciências naturais. Considerando a relevância da história para o objeto da psicologia e a inspiração nos métodos naturalistas verificada no desenvolvimento moderno dessa ciência, ele diz que

Não é que sejamos (...) contra a aplicação de métodos provados e fecundos. Mas sua utilização só é possível quando o problema é formulado corretamente e quando o método responde à natureza do objeto a estudar. De outro modo, obtém-se a ilusão de que se trata de algo científico. (...) O véu das ciências naturais com o qual (...) se cobre a mais retrógrada metafísica não salvou nem Herbart, nem Wundt: nem as fórmulas matemáticas, nem os aparelhos exatos salvaram do fracasso o problema mal formulado (Vigotski, 1999, p. 274).

Ou seja, não se trata de uma rejeição idealista, nem por princípios, das ciências naturais, mas uma observação concreta da inadequação da aplicação acrítica de quaisquer métodos de maneira *a priori*, sem considerar as particularidades do objeto sob foco. Proceder assim irá predeterminar as interpretações e resultados possíveis da pesquisa, ele afirma (Vigotski, 1999).

A ideia de que a experiência direta seria livre de interferências subjetivas também recebe críticas: o autor afirma que a própria consciência, no ato de pesquisa, realiza as tarefas de destacar, categorizar e generalizar determinados traços do objeto de estudo. Ressaltando a necessidade de condução de análises para além dos limites da experiência direta, Vigotski aponta que a base predominantemente empírica, de raiz biológica que a psicologia assume após seu estabelecimento como ciência moderna e independente serve à ocultação de sua

crise, já que a partir dessa base se constrói a convicção de que o trabalho a ser realizado já está, de partida, justificado e não serão necessárias análises posteriores. O uso equivocado da psicologia empírica como fundamento da psicologia conduz ao fracasso, uma vez que perde-se, mais uma vez, a dimensão histórica do humano (Vigotski, 1999).

Uma questão que Vigotski (1999) busca sublinhar é que os psicólogos empíricos, em seus trabalhos de destacar e contrapor traços de outras orientações aos seus, repetem uma ação que se deu dentro dessa mesma psicologia empírica, considerando seus próprios traços contrapostos àqueles oriundos do campo das ciências naturais, e que esses mesmos traços externamente definidos se submetem a movimentos mais gerais que só podem ser compreendidos e avaliados levando em consideração a totalidade da ciência.

Para ele, isso se dá sem que os próprios psicólogos empiristas se dêem conta, inclusive, do fato de que esta operação assume caráter puramente negativo (criando a psicologia sem alma, a ciência sem metafísica, fundamentada sobre a experiência direta), quer pela proveniência histórica e filosófica de tal orientação, quer por suas consequências metodológicas. Esse destaque, para Vigotski (1999), bastaria para concluir que essa diretriz não satisfaz as condições necessárias à unificação da psicologia, já que ela nada afirma positivamente sobre o caráter da ciência psicológica.

Ponderando a respeito do lugar da psicologia empírica, o psicólogo bielorrusso aponta que, no surgimento e estabelecimento desse campo científico, tal orientação se mostrava de maneira óbvia, já que a tarefa em pauta era a separação da psicologia da filosofia. Não obstante, à medida que essa necessidade arrefece, a tendência se oculta em um aspecto positivo e, apreciando-a negativamente, Vigotski declara que o uso da pura empiria após a instauração da psicologia científica moderna implica em renúncia de princípios filosóficos e de clareza de objetivos: um desconhecimento e ocultação da natureza científica da psicologia. Sua conclusão é a de que *sobre a base do empirismo, ou seja, da renúncia total a algumas*

*premissas fundamentais, torna-se lógica e historicamente impossível qualquer conhecimento científico* (Vigotski, 1999, p. 331).

Diagnosticando a incoerência do empirismo ingênuo em psicologia, Vigotski alega que, diferentemente das ciências naturais, que partem da busca por determinar seus objetos, que existem concretamente, exteriormente à consciência, e são cognoscíveis (sendo, assim, materialistas), a psicologia empírica é idealista em seus pressupostos. Explica:

(...) não existe um só sistema empírico em psicologia: todos vão além dos limites do empirismo. (...) todos os sistemas foram se enredando em suas conclusões e foram parar em cheio na metafísica. (...) qualquer (...) psicologia sem alma (...) tem, ainda que não recorra a metafísica alguma, sua própria metafísica. Embora baseada na experiência, a psicologia incluiu em seu seio o que não estava baseado nessa experiência. Para dizê-lo em poucas palavras: toda psicologia teve sua metapsicologia. Pode ser que não a tenha reconhecido, mas isso não muda as coisas (Vigotski, 1999, p. 332).

O fato de que o objeto da psicologia não esteja situado no espaço e no tempo demanda reflexão a respeito da sua delimitação e da forma de conhecê-lo. Esse trabalho de definição de fundamentos da ciência não é experimental, diz Vigotski (1999), mas filosófico.

Outra consideração que merece destaque no SHCP é a importância da linguagem científica e, nessa temática, o psicólogo aprecia a intenção positivista de eliminar referências, na linguagem científica, a abstrações e generalizações sob o argumento de que estes seriam elementos metafísicos. Ele considerou infundada a dicotomia entre descrição e abstração, declarando que qualquer descrição implica em certo grau de abstração e, conseqüentemente, de teorização:

Podemos dizer de antemão que a palavra, ao nomear um fato, proporciona ao mesmo tempo a filosofia do fato, sua teoria, seu sistema. Quando digo: “consciência da cor”, possuo certas associações científicas, o fato se incorpora a uma série de fenômenos, dou um significado ao fato (Vigotski, 1999, p. 301).

Da mesma maneira, a abstração, enquanto resultado das capacidades psíquicas humanas para compreender a realidade, conserva algum grau de referência à concretude, deriva e depende dela para ser útil cientificamente. Mais que isso: reforçando a importância

de desvencilhar a ciência do empirismo ingênuo, ele retoma que a própria experiência direta não é uma representação fidedigna da realidade e a consciência já exclui, destaca, cataloga e agrupa informações. Daí se reafirma a importância de transcendê-la na compreensão científica dos fenômenos (Vigotski, 1999).

Em uma crítica à perspectiva idealista kantiana, o psicólogo reitera que são as exigências da concretude que determinam os rumos da ciência, e não o contrário a partir da razão ou das estruturas lógico-formais dos conceitos. Ao contrário das crenças sustentadas no meio científico moderno, que partem de Kant e Comte, não será o método herdado das ciências naturais, asséptico e universal, livre de influências filosóficas, que levarão ao conhecimento. O percurso, para Vigotski, é outro. Em citação a Engels, ele alega que a metodologia das ciências deve refletir a metodologia da realidade, ou seja, os aspectos concretos do objeto de estudo.

Propõe, ainda, que o conhecimento científico é uma forma de atividade humana e, como tal, um processo dialético entre o ser humano e a natureza. Assim, em psicologia, o conhecimento resulta de um processo de modificação mútua, condicionado tanto pelas particularidades dos fenômenos psíquicos quanto pelas condições cognitivas de quem os pesquisa (Vigotski, 1999). Com estas afirmações, Vigotski reforça a ideia do sujeito conhecedor como um elemento ativo da produção do conhecimento, superando o conceito de neutralidade científica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com apoio nas colocações destacadas ao longo desta pesquisa, foi possível ampliar e organizar a compreensão sobre as origens históricas da psicologia empírica, sua motivação inicial. Tendo em conta que a crise decorrente da separação entre psicologia empírica e

racional antecede a própria fundação dessa ciência como campo de estudo independente da filosofia, cabe-nos ressaltar a importância de conjugar informações históricas e fundamentações filosóficas para que a crise encontrada na psicologia possa ser entendida como um fenômeno de grande relevância.

Indo além da compreensão da crise, a condução da pesquisa também favoreceu o aprofundamento nos estudos das contribuições epistemológicas e metodológicas de Vigotski para a psicologia, confirmando a importância de seus trabalhos para o entendimento da complexidade e da importância do estudo do psiquismo humano. Com as considerações apresentadas, os trabalhos do psicólogo bielorrusso estudados ao longo da graduação adquirem relevo renovado, possível apenas após um exame aprofundado de suas raízes e referenciais.

Ademais, consideramos atingidos os objetivos propostos para este trabalho. Pela própria natureza da pesquisa, o contato com as referências bibliográficas suscita novos pontos de aprofundamento e questões outras a serem abordadas em trabalhos posteriores, como os desenvolvimentos dos trabalhos em psicologia de referencial marxista após a morte de Vigotski, as manifestações atuais da crise da psicologia e os apontamentos contemporâneos que os teóricos desse campo elaboram dentro desta temática. Merecem investigação, ainda, as relações que a tendência ao empirismo estabelece com a ideologia, bem como as influências da psicologia empírica sobre questões atuais do campo, como a psicologia baseada em evidências ou a preponderância dos manuais diagnósticos. Esperamos, assim, que tais temáticas possam avançar a partir de nossas contribuições.

## REFERÊNCIAS

- Álvaro, José Luis & Garrido, Alicia. (2017). *Psicologia social - perspectivas psicológicas e sociológicas* (Fernandes, Miguel Cabrera, Trad; Torres, Ana Raquel Rosas, Rev. téc.), 2ª ed. Porto Alegre: AMGH.
- Andrade, Maria Margarida de. (2010). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10ª ed. São Paulo: Atlas.
- Araújo, Saulo de Freitas. (2012). O Lugar de Christian Wolff na História da Psicologia. *Univ. Psychol.*, 11(3) (pp. 1013-1024).  
[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-92672012000300028](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672012000300028)
- Araújo, Saulo de Freitas. (2013). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência interna. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira e F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos*, 3ª ed. (pp. 93-104). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Castañon, Gustavo Arja. (2009). Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual. *Temas em Psicologia*, 17(1) (pp. 21-36).  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100004)
- Chalmers, Alan Francis. (1997). *O que é ciência, afinal?* São Paulo: Brasiliense.
- Chauí, Marilena. (2016). *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática.
- Comte, Auguste. (2004a). Curso de Filosofia Positiva. In: *Coleção Os Pensadores - Vol. XVIII*. (Gianotti, J. A., Trad.), 8ª ed. (pp. 01-39). São Paulo: Abril Cultural.
- Comte, Auguste. (2004b). Catecismo Positivista. In: *Coleção Os Pensadores - Vol. XVIII*. 8ª ed. (Lemos, M., Trad.), 8ª ed. (pp. 117-318). São Paulo: Abril Cultural.

- Costa, Eduardo Moura da & Martins, João Batista. (2018). O projeto vigotskiano para uma psicologia científica: anotações sobre “O Significado Histórico da Crise da Psicologia”. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3) (pp. 537-551). <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6007>
- Danziger, Kurt. (1979). The positivist repudiation of Wundt. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 15(3) (pp. 205-230).
- Farr, Robert M. (2016). *As Raízes da Psicologia Social Moderna*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, Arthur Arruda Leal. (2013a). O múltiplo surgimento da Psicologia. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira e F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos*, 3ª ed. (pp. 13-46). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Ferreira, Arthur Arruda Leal. (2013b). A psicologia no recurso aos vetos kantianos. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira e F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos*, 3ª ed. (pp. 85-91). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Ferreira, Arthur Arruda Leal. (2015). A crítica da razão pura e a história da psicologia: de objeto histórico a instrumento de análise. *Estudos Kantianos*, 3(2) (p. 181-194). <https://doi.org/10.36311/2318-0501.2015.v3n2.12.p181>
- Figueiredo, Luís Cláudio Mendonça & Santi, Pedro Luiz Ribeiro de. (2008). *Psicologia, uma nova introdução*, 3ª ed. São Paulo: EDUC.
- Fontes, Flávio Fernandes & Falcão, Jorge Tarcísio da Rocha. (2015). A psicologia teórica e filosófica como uma área de pesquisa acadêmica. *Psicologia em Pesquisa*, 9(1) (pp. 72-79). <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201500010009>
- Gomes, Isadora Dias; Silva, Lorena Brito da; Silva, Alexsandra Maria Sousa; Pascual, Jesus Garcia; Colaço, Veriana de Fátima Rodrigues & Ximenes, Verônica Morais. (2016). O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural: tendências conceituais

- contemporâneas. *Psicologia Em Revista*, 22(3) (pp. 814-831).  
<https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2016v22n3p814>
- Japiassu, Hilton. (1979). *A psicologia dos psicólogos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lima, Telma Cristiane Sasso de & Mioto, Regina Célia Tamaso. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(esp) (pp. 37-45).  
<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Lordelo, Lia da Rocha. (2011). A crise na Psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 27(4) (pp. 537-544).  
<https://doi.org/10.1590/s0102-37722011000400019>
- Malheiro, Dirceu Pinto & Nader, Rosa Maria. (1987). Contribuição a uma análise da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 7(2) (pp. 9-13).  
<https://doi.org/10.1590/s1414-98931987000200003>
- Massini, Marina. (2010). Métodos de Investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2) (pp. 100-108).  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-1247201000020003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-1247201000020003)
- Oliveira, André Renato de (2021). A psicologia em Kant: dos textos pré-críticos até a primeira edição da Crítica da Razão Pura. *Revista Paranaense de Filosofia*, 1(1) (pp. 36-54). <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/rpfilo/issue/view/297>
- Pasqualini, Juliana Campregher & Martins, Lígia Márcia. (2015). Dialética singular-particular-universal: Implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 27(2) (pp. 362-371).  
<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>
- Penna, Antonio Gomes. (1991). *História das ideias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago.

- Rego, Teresa Cristina. (1995). *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes.
- Romanelli, Nancy. (2011). A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. *Psicologia em Estudo*, 16(2) (pp. 199–208).  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/KKMtQRWMqWRrDZ8YyHRRCy/>
- Santa, Fernando Dala & Baroni, Vivian. (2015). As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a Psicologia Histórico-Cultural. *Kínesis - Revista de Estudos Dos Pós-Graduandos Em Filosofia*, 6(12) (pp. 1-16).  
<https://doi.org/10.36311/1984-8900.2014.v6n12.4792>
- Toassa, Gisele & Marques, Priscila. (2023). Introdução. Em *Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo* (pp. 7-22). São Paulo: Hogrefe.
- Vidal, Fernando. (2013). “A mais útil de todas as ciências”: Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira e F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (pp. 47-73). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Vigotski, Lev Semionovitch. (1999). O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. Em *Teoria e método em psicologia* (pp. 203-417). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, Lev Semionovitch. (2023). A ciência psicológica (1928). Em *Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo*, 63-97. São Paulo: Hogrefe.